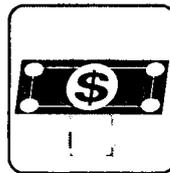


FNS pagou 440 por cento a mais por material hospitalar

REGINA ELEUTÉRIO

A coordenação da Fundação Nacional de Saúde no Rio (FNS-RJ) comprou, em dezembro do ano passado, material de uso hospitalar por preços até 440% mais altos do que os valores pelos quais a Unidade Mista de Saúde de Barra de São João adquiriu os mesmos produtos. A constatação é do auditor-chefe da FNS, Antônio Miguel de Oliveira, que aponta, em relatório de janeiro deste ano, indícios de superfaturamento.



A maior diferença foi encontrada nos kits para identificação de grupo sanguíneo. Enquanto a coordenação regional comprou os kits por CR\$ 12.600, Barra de São João os adquiriu por CR\$ 2.330.

No Rio, houve licitação por carta-convite para as compras que, em Barra de São João, foram feitas por dispensa de licitação. Cada rolo de esparadrapo, do total de 300 adquiridos pela regional — a CR\$ 3.890 a unidade —, custou 337% a mais do que o esparadrapo de Barra de São João. Outra aquisição, desta vez de compressas de gaze, indica que é mais barato se machucar e fazer curativos fora do Rio. No

pacote de gaze com 500 unidades, a diferença chega a 320%: o preço salta de CR\$ 1.290 para CR\$ 5.425.

Segundo o auditor, a diferença está nas empresas. A FNS-RJ comprou seus produtos das firmas Calberg Produtos Hospitalares Ltda, Biodiag Comércio e Importação Ltda e VPL Comércio e Representação Ltda. Os fornecedores para a Unidade de Saúde de São João foram Quimicabrás Produtos Químicos Ltda (em Macaé), L. P. Comércio de Material de Laboratório Ltda (em Niterói) e Química Omega (em São Gonçalo).

Dessas, pelo menos uma, a Carlberg, é citada mais de uma vez no relatório. A auditoria constatou que, no dia 22 de dezembro, ela vendeu seringas descartáveis de três mililitros, sem agulha, por CR\$ 89 a unidade, e a de cinco mililitros, também sem agulha, por CR\$ 120 cada. Uma semana antes, a União Comercial de Equipamentos Hospitalares Ltda cotara os mesmos produtos — só que com agulhas — por CR\$ 38,73 e CR\$ 49 para a Coordenação Regional de Goiás. No primeiro caso, a diferença a mais é de 120% e as seringas de cinco mililitros chegam a ser 140% mais caras no Rio.

Os auditores sugerem abertura de processo administrativo para que a fundação seja ressarcida.

Preços de baterias confundem auditores

A troca de bateria dos carros da Fundação Nacional de Saúde no primeiro semestre deste ano deixou, para os auditores da fundação, um festival de preços descontraídos. De janeiro a junho, a Torino Automóveis vendeu 108 baterias para a FNS a preços acima do mercado. Após a compra na Torino, em abril, foi feita licitação por carta-convite, em que a firma Pirilampo Comércio e Representações oferecia as mesmas mercadorias por até um terço do preço.

Ela cotou a bateria para Saveiro a 55,37 URVs. O mesmo produto fora adquirido da Torino por preços que variavam de 96 a 161 URVs. Além disso, as baterias e outras peças substituídas pela Torino, que teriam de ser devolvidas à FNS, ficavam com a oficina. Os serviços eram pagos por serviço-hora-homem, também em excesso. A revisão completa de uma Kombi valeu para a Torino um pagamento de 99 dias de trabalho, com jornada de oito horas diárias.